

CAPELATO, Maria Helena R. Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

*Élio Serpa*¹

Maria Helena R. Capelato, historiadora, fez um trabalho instigante de história comparada, abordando “a propaganda política construída e divulgada no Estado Novo brasileiro (1937) e na política peronista (1945-1955)”. A autora vai ao passado não com o desejo de resgatá-lo tal como aconteceu, mas sua motivação para fazer a pesquisa foi resultante da percepção de incursões no passado feitas no momento muito específico da história dos dois países em estudo. Do lado brasileiro, a mídia veiculava através de toda uma engenharia política a propaganda eleitoral de Fernando Collor de Mello (1989) e no argentino havia ocorrido a eleição de Carlos Menem (1988). Maria Helena observou a utilização de forma reelaborada de símbolos, imagens e mitos das políticas varguista e peronista por estes presidencialistas e, isto, a fez perscrutar as especificidades das práticas de propaganda política pelo varguismo e peronismo.

Bronislaw Baczko refletindo sobre o significado do trabalho do imaginário na política afirma que “o controle do imaginário social, da sua reprodução, difusão e manejo, assegura em graus variáveis uma real influência sobre os comportamentos e as atividades individuais e coletivas, permitindo obter os resultados práticos desejados, canalizar as energias e orientar as esperanças”². Nisto se circunscreve a importância do trabalho feito por Maria Helena Capelato no qual a técnica da propaganda assume relevância na produção/divulgação de todo aparato simbólico produzido por governos autoritários ou não com o objetivo de fazer a partilha do mundo sensível, à época expresso na forma de cultura política nacionalista veiculada por intelectuais. No entanto, se observa dissensos entre os criadores de política culturais, mesmo em regimes autoritários.

Seu livro está dividido em sete capítulos que dão conta de uma questão crucial para o entendimento dos movimentos políticos nacionalistas autoritários, fugindo aos determinismos ao mostrar como o varguismo e o peronismo montam um intrincado jogo político, apelando para a força do

imaginário que é visível através de símbolos, idéias, imagens e mitos. Maria Helena Capelato, ainda, discute conceitos arraigados na historiografia brasileira como, por exemplo, totalitarismo, “países atrasados” e “países desenvolvidos” e populismo. Como historiadora problematizou as fontes (fotografias, jornais, livros didáticos, discursos oficiais) e, a partir delas, mostrou o vigor epistemológico da história comparada onde os conceitos perdem o poder que muitos atribuem: o de englobar realidades diferenciadas sufocando as diferenças.

No livro o leitor percebe a relação que o peronismo e o varguismo teve com movimentos que ocorriam na sociedade ou idéias e práticas políticas que o Estado desejava impor aos usuários. Assim, por exemplo, diferente foi a relação que Perón e Vargas teve com o comunismo, oligarquias, imperialismo, emigrantes, movimento operário, construção da cidadania e da democracia, literatura, artes plásticas, arquitetura, música, cinema e teatro. Entretanto, a autora procura mostrar que o exercício de práticas autoritárias não se dá de forma massiva. As fontes, quando existentes, mostraram as reações que tais práticas encontraram na sociedade que pretendiam torná-la una, sufocando a diferença que os sonhos de homens e mulheres de forma articulada ou não, criam no cotidiano.

Notas

¹ Departamento de História. Universidade Federal de Santa Catarina

² Baczko, B. "Imaginação Social". *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da moeda, 1985, p. 312